PROJETOS SOCIAIS E EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA: POSSIBILIDADE(S) DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA EM MUZUMUIA E FREDERICO WESTPHALEN

EIXO TEMÁTICO: Cidade Educadora e seus territórios, serviços e equipamentos

GT: Percepções sobre a Cidade Educadora através do dialogo entre local e global.

Valéria Pinheiro[1]

Resumo: O estudo resulta de uma pesquisa de dissertação de mestrado que abordou a experiência com a arte como possibilidade de transformação humana de crianças e jovens participantes de projetos sociais (por meio de entidades não governamentais) de duas cidades: Frederico Westphalen/RS e Muzumaia/Moçambique. Problematiza a experiência artística como possibilidade de sensibilizar e dar visibilidade às crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social e objetiva compreender como a vivência/experiência com a arte demandou uma ação transformadora e potencializar o sujeito a desenvolver-se pessoal, social e culturalmente em contextos distintos. O aporte teórico segue a linha hermenêutica, com filósofos como Hans-Georg Gadamer, Nadja Hermann e a arte-educadora Ana Mae Barbosa. A análise, de cunho qualitativo, associa a revisão de literatura à pesquisa empírica com a busca de dados relevantes e convenientes obtidos através da experiência e da vivência da pesquisadora, especialmente, por meio da análise textual discursiva e sociológica formal. Constatou-se que a participação de crianças e jovens nestes dois projetos promove um espaço para socialização, descoberta de suas potencialidades e melhora de sua autoestima como cidadãos e membros de uma sociedade.

Palavras-chave: Arte-educação. Projetos Sociais. Experiência estética. Sensível. Ética.

INTRODUÇÃO

A arte pode transformar a maneira de pensar, perceber e entender o mundo, nos fazendo repensar posicionamentos socioculturais e artísticos. De alguma forma a arte interfere na sociedade e, ao mesmo tempo, recebe influências do meio em que está inserida.

A arte pode trazer inúmeras possibilidades, conhecimentos, oportunidades, transformação, humanização, um olhar diferente para com o outro, ela pode contribuir para o desenvolvimento humano em qualquer lugar no planeta, pois a arte não tem fronteiras.

Esse estudo se debruça a pensar em um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado que abordou a experiência com a arte como possibilidade de transformação humana

[1] Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões. Coordenadora do projeto Arte sem Fronteiras E-mail: valeriatattoostudio@hotmail.com.

de crianças e jovens participantes de projetos sociais (por meio de entidades não governamentais) a arte e o sensível humano, a importância da arte para uma formação humana mais sensível e mais ética, em decorrência disso uma possível humanidade mais humanizada.

Entre as problemáticas orientadoras da investigação buscou-se entender de que forma as vivências com a arte podem contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens? A partir desse questionamento surgiram outros: o que com os sujeitos partir dessa vivência com a arte? A experiência acontece para todos? Como se dá essa experiência, mais intensa para alguns e menos para outros? Assim, com alguns, o evento da "experiência", quando acontece, transforma o modo como vê as coisas, as suas percepções, o seu "meu modo de entender", de interagir, de se expressar, de sentir e de se posicionar perante o mundo.

Assim, decorrente de uma experiência estética, o sujeito pode transformar a si e também o contexto social em que se vive. Sustenta-se, desse modo, que a experiências estéticas são capazes de gerar mudança ou influenciar no desenvolvimento de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Decorrente desse entendimento, o problema proposto para a investigação foi assim expresso: como a arte (experiência estética) pode promover a ação formadora/transformadora e potencializar o sujeito a desenvolver-se pessoal, social e culturalmente?

O estudo foi realizado com dois grupos. Esses grupos são projetos que acolhem crianças, o primeiro projeto social denominado "Arte, Educação e Cidadania" é realizando na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Falcon, mantido pela Secretaria Municipal de Educação, com 60 crianças de baixa renda com idades entre 10 e 17 anos, residentes na área urbana, nos bairros São José, São Francisco de Paula, Núcleo 7 e Distrito Industrial, no município de Frederico Westphalen, estado do Rio Grande do Sul, no Brasil.

O segundo projeto chama-se "Arte sem Fronteiras" e faz parte da ONG Fraternidade sem Fronteiras, com 60 crianças e jovens de baixa renda, com idades entre 12 e 20 anos, residentes na área rural, nas Aldeias de Muzumuia, Matuba e Barragem, localizadas na Província de Gaza/Distrito de Chocke, em Moçambique. Ambos os projetos, portanto, acolhem crianças e jovens de baixa renda, em situação de vulnerabilidade social e cultural.

A metodologia empregada para desenvolver o estudo foi de abordagem qualitativa, contando com pesquisa empírica de triangulação de três fontes diferentes (depoimentos, desenhos e questionários), sendo os sujeitos as crianças e jovens, monitores, coordenação e professores de ambos projetos.

O método de análise utilizado foi a análise textual discursiva dos dados obtidos a partir do questionário. Os desenhos passaram por uma análise sociológica formal, com narrativas das leituras próprias das crianças e jovens juntamente com a leitura de imagens da pesquisadora. A base teórica seguiu a linha hermenêutica.

Buscou-se, neste estudo, analisar como a vivência com arte pode promover a experiência para a formação e transformação humana. Constatou-se que a participação de crianças e jovens nestes dois projetos promove um espaço para socialização, melhora da autoestima, da sensibilidade, da visibilidade, além de potencializar a profissão e melhorar a geração de renda, melhorar como cidadãos e membros de uma sociedade.

1 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA, ÉTICA E SENSÍVEL

A arte pode dar sentido, resinificar a vida de todos nós, em diferentes possibilidades, ela torna a experiência humana mais agradável, colorida, sonora, bela e mais humana.

A arte vai além do sensível segundo Ana Mae Barbosa (2009), sintetiza referindo que a arte como cognição auxilia o sujeito a desenvolver formas sutis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas.

A reflexão filosófica suscitada pela estética leva a pensar o sensível, tratando-se de uma atividade contemplativa do real, e ao mesmo tempo uma atividade racional, na medida em que o sujeito altera o sentido imediatamente captado da exterioridade e emite um juízo de gosto sobre as coisas, que leva a um sentido de mundo.

Dá-se início à perda de sensibilidade do gênero humano provavelmente no começo da civilização ocidental, onde se passa pela superação dos mitos e começa-se a pensar de "forma racional" na realidade. Como seres racionais, os indivíduos privam-se de sua privilegiada possibilidade de sentir, pois ela pode conduzi-los a um caminho obscuro diante da clareza das verdades ditas absolutas, propostas pelo pensamento racional (DESCARTES, 2001). Gradativamente, passa-se a ver o mundo de forma confiável apenas quando se trata da forma racional, quando a ciência explica.

Para adentrar nesse estudo e pensar a importância do sensível para o ser humano e para a sociedade na qual está inserido, precisa-se adentrar no que isso significa em meio à sociedade contemporânea. O sensível é um dos aspectos que torna sujeitos "humanos", dotados de sentimentos, como alegrias, tristezas, compaixão, raiva, enfim, todos os sentimentos que nos potencializam.

E para falar do sensível é preciso abordar o que ensina Alexander Gottlieb Baumgarten (1714), filósofo que introduziu pela primeira vez o termo “estética” (do grego aisthésis: percepção, sensação, sensibilidade) com o qual designou a ciência que trata do conhecimento sensorial que chega à apreensão do belo e se expressa nas imagens da arte, em contraposição à lógica como ciência do saber cognitivo.

A autora e filósofa Nadja Hermann, além de citar Baumgarten, vem ao longo do tempo aprofundando o diálogo sobre a importância da estética e da ética, baseada no filósofo e estudioso Gadamer, apontando a importância a da experiência da estética para a educação contemporânea:

A experiência estética – na medida em que abala nossas convicções comuns e suspende a normalidade das certezas justificada – é reivindicada para uma ampliação da compreensão ética da educação, um modo de trazer novos elementos para o juízo moral, como alternativa à reflexão ética exclusivamente racional. Tais experiências de libertação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu (HERMANN, 2010, p. 17).

Ainda, Hermann (2010) afirma não se tratar apenas da estética como emoção, na qual se entregaria a uma vida bela e romântica, mas de pensar em uma educação que articule a criação do eu racional e emocional, de pensar, criticar e fazer suas próprias escolhas. Do século XVIII em diante os estudos sobre a estética têm contribuindo para pensar sobre a ética. A educação precisa pensar as ações éticas para além do racionalismo, ou seja, deixar de conceber a ética apenas como aprendizado cognitivo ou racional.

Já quanto à ética como elemento fundamental para uma sociedade equilibrada e que se rejeita ou não, se dá a devida importância no momento vivenciado atualmente, pois as áreas humanas, como filosofia, artes, sociologia, entre outras, vêm perdendo espaço no atual cenário da educação. Hermann (2005, p. 71) aponta que “essa unidade, desde as partições da modernidade que separa as esferas culturais da ciência, da arte e da moral, acha-se cada vez mais com dificuldades de se efetivar [...]”.

Hermann (2005, p. 69-70) traz apontamentos de algumas ideias das causas do declínio da ética no cenário contemporâneo:

A ênfase contemporânea na estetização ética pode ser compreendida pelo vazio deixado pelas éticas tradicionais que apostaram numa natureza humana a — histórica, que não conseguiram êxito para lidar com as diferentes orientações valorativas e com os diferentes

contextos. Segundo a avaliação de MacIntyre, os problemas começam quando a modernidade abandona o modelo teleológico aristotélico e tenta encontrar um padrão universal neutro e a — histórico, pairando acima das tradições culturais.

A autora afirma que “por fazer a defesa de que a essência da natureza humana é racional, as teorias éticas desconsideram os elementos contingentes, contextuais, bem como aqueles relativos à sensibilidade e aos sentimentos”. No mesmo sentido, “isso conduz à estruturação racional da educação e a uma ênfase apenas no desenvolvimento cognitivo como base para o julgamento moral” (HERMANN, 2005, p. 72).

Se o universalismo ético sofreu interpretações redutoras e coercitivas, sacrificando o particular e a diferença por conta de seu excessivo abstracionismo, uma sensibilidade estética aguçada pode interpretar valores morais (a igualdade, o respeito humano, a tolerância), de um modo mais efetivo, pela possibilidade de fazer uso da imaginação. Só dando chances à sensibilidade, é possível a alguém perceber que as diferenças de culturas e de contextos da vida cotidiana modulam o princípio da igualdade e permitem reconhecer e respeitar as diferenças (HERMANN, 2005, p. 72).

A autora propõe a pensar nesse universo partindo da importância da ética e da estética para a educação, o gosto em educar para perceber, conhecer, para ver a beleza e o bem. A partir desse movimento fica mais fácil colocar-se no lugar do outro, tornando uma sociedade mais justa e libertadora. Contribuir assim, para o enfrentamento das barreiras dolorosas existentes na sociedade, como a perversa intolerância ao racismo, às diferenças religiosas, ao sexismo, homofobia, e desprezo para com os refugiados e imigrantes.

A ideia de cidadania presente na educação precisa ser incorporada à questão ética, pois só assim será superado o vácuo no qual nem mesmo os professores e alunos sabem lidar/articular sobre os direitos e deveres, ou ainda, sobre o sentido da vida humana, perdendo assim a sensibilidade e a imaginação de saber para onde se está indo.

Hermann (2010), destaca as metáforas e reflexões feitas por vários filósofos na área da ética e estética, que auxiliam a pensar na importância da ação educativa nessas áreas, e como pode ser importante a união entre ciência, ética e estética. Por outro lado, esse mesmo encontro defronta-se com uma realidade caracterizada pela mutabilidade, instabilidade e pluralidade, na qual os princípios éticos já não são vistos com tanta relevância.

Os paradigmas da educação também passaram por uma série de mudanças e embora se saiba da importância do estudo da estética para a educação, é possível comprovar a quase inexistência dessa área de conhecimento nos espaços de ensino formais e na formação humana. Trevisan (2000, p. 107) afirma que a "arte tem a virtude de colaborar para abrir a mente humana para instâncias da sensibilidade, dimensão essa tantas vezes negada em normas e sistemas de ensino". Isso faz emergir o próprio sujeito, sentindo-se dotado de sensibilidade, autoestima, humanização, valores imprescindíveis às capacidades que o mesmo necessitará no cotidiano. Assim, educar para a sensibilidade deveria ser, atualmente, um compromisso primordial da educação.

Não se pode esquecer que é na arte que o humano se reconhece como construtor de si e que, apesar da vida e de suas agruras, a arte ensina a compreender e a desenvolver alternativas para a vivência e a transformação de sua realidade. Pode-se ainda dizer, que ela deve estar em todos os espaços, seja na educação formal ou na educação não formal. Há muitos desafios para articular ética e estética no campo da educação quando pensado no ensino da arte.

A estética ganha o sentido de linguagem enquanto a ética desempenha, nesse estudo, o papel de prática social. Sendo assim, tanto a ética quanto a estética têm uma grande importância para todo o contexto humano e social. Uma das potencialidades e fortalecimento da moral se dá através da educação. Assim, questiona-se: por que a ética e a estética deixaram de ter um lugar na educação?

Segundo Hermann (2005, p. 71), "ver a ética como um processo de criação indica que aqueles que se educam, enquanto agentes éticos dispõem de liberdade, autonomia e poder na vida como um artista". Portanto, para pensar qual é o papel do educador ou do "artista" ético que a autora se refere, deve-se indagar sobre o papel de ensinar, direcionar e criar através da ética e da estética um agir moral. Segundo a autora, a educação moral pode ser pensada a partir da educação estética, porque a estética tem a capacidade de levar à ética.

A educação estética e ética torna-se imprescindível nos dias atuais pois ajuda a ampliar a compreensão de humanização do mundo. O homem contemporâneo, devido ao impacto científico-tecnológico, passa a ter uma nova visão mais ampla do que acontece no mundo. Uma educação pautada no saber sensível oferece ao homem um poder que vai se constituir e possibilitar uma visão mais ampla, fazendo com que ocorra a integração do homem consigo mesmo, com os outros e com a sociedade. Para Nietzsche "a experiência estética é uma possibilidade de ampliar nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo e aprimorar nossa capacidade de escolha" (HERMANN, 2010, p. 39).

A estética sempre se interpôs contra o rígido racionalismo, e isso já nos é conhecido desde o século XVIII, quando Schiller, em Cartas sobre a educação estética da humanidade (1795), tenta uma integração entre ética e estética, afirmando que o homem só é plenamente homem quando se entrega ao impulso lúdico, fonte do equilíbrio entre o racional e o sensível (HERMANN, 2005, p. 13).

Uma educação que possibilita ao "sujeito ético, ou seja, a própria formação humana, no momento da liberdade de sua autocriação" (HERMANN, 2010, p. 17). Isso aponta para uma educação ético-estética, geradora das condições em que a razão especulativa não se restrinja a imaginação e a sensibilidade (HERMANN, 2010).

Daí a importância de a arte-educação ser estudada e compreendida como necessidade dentro da sociedade capitalista. Pensar o ensino da arte, o sensível, a importância da sensibilidade como um processo que permitirá ao homem a sua humanização, possibilitando o acesso aos conhecimentos elaborados pelo homem no percurso da sua história, viabilizando, assim, humanizar-se nesse processo, percebendo-se como agente no meio social onde vive.

Porém, o inteligível e o sensível são formas diferentes e importantes para a vida. O grande problema está na forma como se separaram essas possibilidades de conhecer e sentir o mundo e o valor dado aos conhecimentos racionais e abstratos. Ambos possuem seu importante significado de existir.

Para Nietzsche (1988), "a experiência estética é uma possibilidade de ampliar nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo e aprimorar nossa capacidade de escolha" (HERMANN, 2010, p. 36). Para Schopenhauer (2001), "a libertação que a contemplação estética oferece ainda não é plena. Esse estado só acontece atingido pela conduta ética" (HERMANN, 2010, p. 39).

Na experiência estética vivencia-se um acontecimento que se dá no âmbito do sensível e não é concebível no plano do cognitivo, ou seja, a percepção do sensível ultrapassa os limites da consciência. Adorno afirma que "há muito mais a compreender pela arte; ela tem um momento não repressivo capaz de relevar o estranho, de trabalhar contra as condições petrificadas das relações sociais e de dizer o que nós não conseguimos dizer" (HERMANN, 2010, p. 43). Ou seja, a arte tem a dimensão de falar ao sensível de cada indivíduo, falar o que muitas vezes, por outras linguagens, não consegue ser dito.

Adorno (1985) afirma que a arte opera no âmbito da estranheza que o pensamento conceitual não consegue atingir. Sendo assim, a arte indica que o mundo não é plenamente compreendido no âmbito conceitual. Não se tem e provavelmente não se terá todas as respostas, mesmo que a racionalidade se esforce para alcançá-la, ficando evidenciado que por

mais que a cientificidade proponha estar com a verdade, nem sempre será possível atingi-la (HERMANN, 2010).

De outra direção, Hermann (2010, p. 45) afirma como a experiência estética é capaz de trazer outra dimensão de conhecimento:

> A experiência estética é uma experiência da verdade no sentido de que não está explicitado, que está oculto, também constitui nossa subjetividade e nossa relação com o mundo. Ou seja, ela descobre uma dimensão da realidade que subtrai à fixação estabelecida pelos processos de conhecimento.

A experiência estética também mostra que a experiência sensorial é importante para uma orientação ético-reflexiva. Sendo assim, importante no âmbito da educação que o racional ou cognitivo seja acompanhado pelo saber sensível. Desde Platão sabe-se que a ética não se ensina, porque não está no âmbito exclusivo do cognitivo, tampouco se pode pensar a educação pedagógica como garantia de uma formação moral. Hermann (2010, p. 47) diz que "uma experiência aberta, como a experiência estética, muito provavelmente amplie nossas possibilidades de escolha e nosso gosto, tornando visíveis nuances e variações de princípios éticos e tornando mais justo o juízo moral".

O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer provoca a pensar através do estudo de sua principal obra "Verdade e Método", a possibilidade de adquirir conhecimento e experiência da verdade através da produção artística (GADAMER, 2007). E, sob o julgamento do belo em meio experiência hermenêutico-filosófica gadameriana da arte, instigar a conformidade entre a coisa visada e a universalidade estabelecida pelo conceito guiado pelos parâmetros epistemológicos das ciências da natureza, não sendo o único meio de se obter conhecimento ou verdade.

Na experiência da hermenêutica e da arte, depara-se com as possibilidades de ser próprias da obra, e é justamente com a "coisa-mesma" que se estabelece um diálogo autêntico com toda a tradição em significados expressados pela obra. Busca questionar sobre o sentido do mundo a que se interpreta, por meio da própria abertura provocada pela compreensão que se estabelece a cada experiência vivida pelo intérprete integralmente absorvido no acontecimento daquilo que se compreende (GADAMER, 2007).

O que Gadamer afirma é a possibilidade do homem, por meio da obra de arte, vivenciar uma experiência autêntica de conhecimento que não se dá por meio de uma metodologia epistemológica, e sim pela compreensão da riqueza de sentidos orientados pelo próprio conteúdo da obra de arte.

As vivências podem efetuar-se em experiências, ou seja, quando o sujeito tem a possibilidade de vivências, no caso do fazer artístico, a vivencia com a arte, pode ocasionar em uma experiência, ou não. Segundo Johann, a vivência, ou fazer não é o mesmo que experiência, é uma situação ou um evento que nos ocorre, a experiência não ocorre a qualquer hora, essas experiências podem acontecer de maneiras diferente, mas não ocorre a qualquer momento (JOHANN, fonte oral, 2018).

A experiência da arte deixa de ser apenas relativismo e subjetivismo para ser pensada em uma estrutura de diálogo, tanto podendo ser através do fazer artístico, como na interpretação, enquanto anunciação de um conteúdo que gera uma totalidade de sentido. Dessa forma, a arte enquanto esfera de determinação do absoluto constitui-se como apresentação (Darstellung) da ideia na finitude (Endlichkeit), que pensa a si mesma, sendo que o pensamento dá ocasião à beleza da arte opondo-a a consciência imediata e finita do sensível (GADAMER, 2007).

Não se pode esquecer que é na arte que o humano se reconhece como construtor de si e que, apesar da vida e de suas agruras, a arte ensina a compreender e a desenvolver alternativas para a vivência e a transformação de sua realidade. As experiências obtidas em uma visita a um museu ou ao ouvir um concerto, são exercícios de uma extrema atividade intelectual. A obra de arte apresentada por meio de seu jogo, ao enunciar sua pretensão de verdade, permite ao seu espectador uma experiência de impacto, em que se determinam quais os pressupostos serão questionados:

> [...] E quando passamos por um museu, não saímos dele com o mesmo sentimento de vida com o qual entramos. Se temos realmente uma experiência artística, o mundo se torna mais luminoso e mais leve [...]. Além disso, a definição da obra enquanto o ponto de identidade do reconhecimento e da compreensão implica ao mesmo tempo que uma tal identidade esteja articulada com variação e diferença (GADAMER, 2007, p. 167).

A tarefa da estética e da hermenêutica é permanecer à disposição da reflexão, perguntar e manter-se aberto para a escuta do outro da obra (coisa-mesma), deixando que ela mesma fale por meio da voz de sua tradição aquilo que se apresenta, e aquilo que se perdeu no hoje, que reconquista no agora, como abertura de novas possibilidades de reflexão: “[...] reconhecimento sempre reside no fato de conhecermos agora mais propriamente do que tínhamos conseguido em meio ao aprisionamento no instante do primeiro encontro” (GADAMER, 2007, p. 189).

Em suma, a conformidade entre a coisa visada e a universalidade estabelecida pelo conceito guiado pelos parâmetros epistemológicos das ciências da natureza, não são o único meio de se obter conhecimento, ou verdade, essa é a grande crítica de Gadamer. Dessa feita, Gadamer (2007) aproxima-se da estética a partir da fenomenologia, interpretando o papel que a arte desempenha na experiência com o mundo e na compreensão. O filósofo compreende que o movimento constitutivo da experiência estética não se esgota na subjetividade e nem na objetividade, mas se dá com a experiência.

Ao fazer crítica à consciência estética abstrata, Gadamer expõe o caminho para a verdade dizendo que "é o mais claro imperativo de que a consciência científica reconhece seus limites [quando] ela não é um mero objeto para a apreciação sensível, mas alarga nosso horizonte interpretativo e nossa autocompreensão, pelo que nos interpela" (GADAMER, 1990 apud HERMANN, 2010, p. 50).

Afirma o autor que é possível, através da experiência com a obra de arte, que algo possa emergir a luz, denominando-se do que chamamos de "verdade" (GADAMER, 1993). Indica-se que a experiência estética transcende o caráter subjetivo da interpretação, podendo transformar quem a vivencia, e também transcender ao tempo, um povo e uma cultura.

Na hermenêutica de Gadamer a experiência estética adquire outro nível conceitual:

> [...] não atende como um acontecimento subjetivo, mas como práxis, em que sujeito e objeto estão interligados. O conceito de experiência estética abandona a imagem de um objeto inerente, passando para processos de aproximação, julgamento, emprego e transformação que se dirigem sobre esse objeto (HERMANN, 2010, p. 52).

A arte ultrapassa o domínio da reflexão quando se depara com o estranho e provoca novas possibilidades de ver, interpretar e questionar. Ela leva os sujeitos ao mundo do outro sobre o seu próprio olhar, sua própria lente, próprias vivências, provocando uma experiência para alguns e para outros quem sabe, não.

Gadamer (1993, p. 6) diz que "compreender o que uma obra de arte diz a alguém, é certamente um encontro consigo mesmo". O que se pode pensar através das palavras do filósofo é que a obra de arte tem caráter dialogal, ou seja, ela vai questionar o que cada intérprete tem como vivência, e da mesma forma, as respostas serão dadas pelos sujeitos aos seus questionamentos. Em outras palavras, a obra fala a cada um em uma linguagem própria, portanto, não é universal, mas transcendental.

Se possibilitarmos as acrianças e jovens em particular a ter o contato com a arte certamente vamos, ampliar seu repertorio de conhecimento, aumentar sua sensibilidade e conhecer –se sobre si, aprender a respeitar as diferenças, aprender a respeitar o planeta, assim ajudar a construir um mundo mais humanizado, como direitos iguais a todos cidadãos, construir relações comprometidas com o macro, intender que o bem de todos tem que ser coletivo e não mais individualista, "só ficarei bem se todos ficarmos".

2 ARTE-EDUCAÇÃO E OS PROJETOS SOCIAIS

Uma educação pautada no saber sensível pode auxiliar numa educação mais integral e significativa. A arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos e do sensível, revela, segundo Barbosa (2002), significados que por intermédio de outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica, não seriam possíveis.

A arte na educação é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual, bem como do coletivo. É possível, através da arte, desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do indivíduo, analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar essa realidade que foi analisada. A arte proporciona, ainda, a alfabetização visual dos alunos através da compreensão de seus códigos.

Quando a educação do sensível acontece, essas características são observadas nos profissionais e no resultado de indivíduos criativos, com maior flexibilidade para as diferentes situações. Se a criatividade está vinculada à sensibilidade do indivíduo, essa deve envolver, portanto, a sua personalidade. Trata-se de educar o cidadão para que este venha a ser íntegro em suas atitudes, como profissional e como ser humano, para que possa ter uma consciência política crítica diante dos variados processos de transformação nos quais está inserido.

Nessa perspectiva, é necessário preocupar-se em buscar produzir novos sentidos ao aprender, questionando possíveis distanciamentos que ocorrem nesse complexo tecnológico, como a educação do sentimento, do imaginário, do pensamento, do próprio caráter do ser humano. A arte pode consistir em uma valiosa contribuição para a educação do sensível, podendo, por meio da arte e do ensino, reeducar esses sentidos de aprendizagem e encurtar os vãos criados e deixados pelo avanço acelerado e um tanto desordenado da realidade. A arte vem sendo vista como um foco essencial no desenvolvimento humano, partindo da sensibilidade e da percepção do indivíduo, tornando a relação do homem com a realidade mais plena, pura e consciente de seu papel social.

Pode-se dizer que Ana Mae Barbosa potencializou a introdução dos estudos da arte-educação no Brasil e nessa perspectiva, um dos traços marcantes de sua trajetória é a compreensão da arte como experiência livre, como ação e fruição da vivência cultural, como subjetividade do sujeito. Porém, ela não se faz só de modo espontâneo, mas com aprendizado e gramática visual dos contextos culturais e da própria história da arte.

A arte não pode somente servir ao mercantilismo. Ela precisa ser projeto sociocultural e artístico voltado à formação humana integral. Conforme Barbosa (2003), a arte é qualidade e exercita a habilidade de julgar e de formular significados que excedem a capacidade de expressá-la em palavras. Ainda, segundo a autora, arte é emoção, porém, representada de forma comunicável, passando pelo crivo do inteligível. Arte é conhecimento, um conhecimento para cuja configuração todas as funções mentais participam: intuição, inteligência, emoção, etc.

A arte manifesta-se nos processos dialógicos, no fazer artístico. Apreciar a arte aproxima as pessoas, como ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar e o comunicar. Ao produzir trabalhos artísticos e conhecendo essa produção nas outras culturas, o humano tende a compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os das outras sociedades.

O ensino da arte ou as experiências artísticas podem se desenvolver em espaços formais, como nas escolas, instituições públicas e privadas, ou em espaços não formais, como em projetos sociais não governamentais (ONGs), projetos governamentais, museus, galerias, fundações, institutos, pinacotecas, etc. O objeto desse estudo se dará em espaços não formais, mais precisamente em dois projetos sociais que acolhem crianças vulneráveis.

Dessa feita, o ensino não formal (aquele que acontece de forma estruturada, planejado e organizado fora dos locais formais de ensino) acontece fora do ambiente escolar institucionalizado no processo da educação. Porém, no Brasil, somente nos anos 80 é que a arte e a educação nesses espaços não formais começaram a ter importância, sendo colocados os saberes, experiências e vivências dos participantes como prioridades para a construção do conhecimento.

Vem-se de uma história de muitos momentos sangrentos, cruéis, ditadores, injustos e desumanos, e agora depara-se com uma era em que se tem mais direitos, mais liberdade, mais justiça. Contudo, os problemas passaram a serem outros, convive-se com uma formatação de sociedade em que a fome ainda é grandiosa por algumas populações, enquanto em outros países ricos, possui-se alimento para abastecer o mundo todo.

Vive-se em um período tecnológico avançado, em que, muitas vezes, buscam-se coisas grandiosas e até autodestruidoras, como bombas nucleares, por exemplo, deixando-se de buscar soluções para problemas como a falta de água de muitos países. Busca-se evoluir intelectualmente a partir de vários estudos acerca de quase tudo, porém, esquece-se de adotar uma postura mais sensível, enquanto seres humanos, esquecendo-se da própria transcendência. Os tempos mudam, mas a busca continua sendo a mesma, mais humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal neste estudo foi buscar compreender se a arte-educação poderia gerar mudanças, influenciar no desenvolvimento e contribuir para a formação dos sujeitos, mais precisamente de crianças e jovens de baixa renda que encontram-se em situação de vulnerabilidade social. Para isso, propôs-se como problema investigativo a averiguação de como a arte poderia promover a ação transformadora e potencializar o sujeito a desenvolver-se pessoal, social e culturalmente.

Acredita-se que foram alcançados, pois evidenciou-se, por meio da coleta e análise de dados, a importância que a arte tem nos projetos de educação não formal, e como interferem de forma direta na vida dos sujeitos pesquisados. Foi possível perceber que há uma mudança de comportamento pessoal e social com esses educandos. Constatou-se, através da análise dos questionários, desenhos e leituras de imagens, que as vivências com a arte promovem, na maioria dos casos, a experiência do sensibilizar.

Um exemplo disso, foi a pergunta, quando questionado aos educandos sobre se havia mudado de alguma forma a convivência com outras pessoas de sua comunidade e fora dela, em que uma das três categorias que mais somaram respostas foi a de que “agora ajudo pessoas que precisam”. Essa categoria demonstra a sensibilidade adquirida no projeto, através das vivências com a arte, transmitida para si e para todo o seu entorno.

Outra pergunta para os educadores, questionou-se se eles conseguiam perceber se existia alguma sensibilidade das crianças e jovens com o trato e as questões do outro. Uma das categorias citadas foi o “respeito pelas diferenças”, em que se percebeu como a integração do fazer artístico com valores éticos, traz uma mudança de comportamento e de visão para esses indivíduos.

Os contextos analisados, podemos perceber que arte pode transformar a maneira de pensar, perceber e entender o mundo, e quando ela chega até as classes sociais menos favorecidas, é possível identificar que ela pode contribuir de variadas formas para a formação

dos indivíduos, auxiliando com a linguagem expressiva e formas de conhecimento. Portanto, é preciso fazer movimentos para que todos possam perceber a arte fazendo parte de suas vidas, ou dos seus contextos sociais, deixando de lado o pensamento que a arte é erudita, pois a arte é parte da cultura de um povo.

A arte faz com que o humano se reconheça como construtor de si, ensinando a compreender e a desenvolver alternativas para a vivência e a transformação de sua realidade, apesar das agruras da vida. Fica assim, destacada a importância do incentivo a projetos que visam trabalhar a arte-educação nesses contextos periféricos, pois consideramos um direito fundamental dos seres humanos o acesso ao conhecimento, oportunizando que possam fazer suas próprias escolhas, a partir de consciência de pensamento livre. A arte pode impactar de forma positiva para esses grupos menos favorecidos, como diz Ana Mae Barbosa, se ela faz bem para e elite, imagina para os pobres.

Com a coleta dos dados da pesquisa podemos chegar à conclusão sobre a importância da arte para esses indivíduos na sua formação e até mesmo podemos dizer na transformação que ela possibilita em suas novas percepções de visão sob valores humanos e mundo.

SOCIAL PROJECTS AND ARTISTIC EXPERIENCE: POSSIBILITY(S) OF HUMAN TRANSFORMATION IN MUZUMAIA AND FREDERICO WESTPHALEN

Abstract: The study results from a master's dissertation research that addressed the experience with art as a possibility for human transformation of children and young people participating in social projects (through non-governmental entities) from two cities: Frederico Westphalen/RS and Muzumaia/Mozambique. It questions the artistic experience as a possibility to raise awareness and give visibility to children and young people in a situation of social vulnerability and aims to understand how the experience/experience with art demanded a transforming action and to empower the subject to develop personally, socially and culturally in contexts distinct. The theoretical contribution follows the hermeneutic line, with philosophers such as Hans-Georg Gadamer, Nadja Hermann and art-educator Ana Mae Barbosa. The analysis, of a qualitative nature, associates the literature review with empirical research with the search for relevant and convenient data obtained through the experience and experience of the researcher, especially through formal textual and sociological analysis. It was found that the participation of children and young people in these two projects promotes a space for socialization, discovering their potential and improving their self-esteem as citizens and members of a society.

Keywords: Art-education. Social projects. Aesthetic experience. Sensitive. Ethic.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. (Org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE; Paulo. **A importância do ato de ler**. 38. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GADAMER, H. **Verdade e Método I**: fundamentos de uma hermenêutica filosófica. Ediciones Sígueme: Salamanca, 1993.

_____. 8. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2007.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

_____. **Ética e Estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.